



OS CAMINHOS DE MANARAIREMA: MEDIAÇÃO EDITORIAL E RECEPÇÃO DE JOSÉ J. VEIGA

The ways to Manirema: editorial mediation and reception of José J. Veiga

Rafael Vinicius Costa Corrêa

<https://orcid.org/0000-0001-8107-8173> 

Thiago Mio Salla

<https://orcid.org/0000-0001-5009-5157> 

Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, São Paulo,
SP, Brasil. 05508-050 – posdlcv@usp.br

Resumo: O presente artigo busca analisar a recepção crítica de duas narrativas de José J. Veiga: o conto “A Usina Atrás do Morro”, presente no livro *Os Cavalinhos de Platiplanto* (1959), e o primeiro romance do escritor, *A Hora dos Ruminantes* (1966). Ainda que com temáticas semelhantes e publicados em espaços de tempo relativamente próximos, esses escritos recebem leituras marcadamente diversas: enquanto associa-se o primeiro ao “absurdo” e ao “fantástico” de matrizes kafkianas, toma-se o segundo, majoritariamente como uma alegoria política. Com o objetivo de examinar diferentes matizes de tais interpretações divergentes, mobilizam-se dados relativos ao contexto histórico e editorial de ambos os textos, tomando-se como referência, sobretudo, trabalhos de Chartier e Hallewell. Em linhas gerais, os dois pesquisadores corroboram e municiam, cada um à sua maneira, uma perspectiva articulada de estudo da literatura que, para além de investigar elementos intrínsecos às obras, busca compreender os processos que permeiam a composição, circulação e recepção destas enquanto livros.

Palavras-chave: José J. Veiga; Civilização Brasileira; Recepção.

Abstract: This article aims to analyze the reception of two stories of José J. Veiga’s fiction: the short story “A Usina atrás do morro”, from the book *Os cavalinhos de Platiplanto* (1959) and the writer’s first novel *A Hora dos Ruminantes* (1966). Although the narratives share similarities regarding themes and publishing time, these writings have been read in very different ways: while the first is associated to absurd and fantastic readings, closer to the works of Franz Kafka, the second text is overwhelmingly read as a political allegory. To better analyze the different readings of the narratives we will gather information regarding the historical and editorial context of both texts, using the works of Chartier and Hallewell. Overall, both researchers support and provide, each one on its own way, an articulate perspective of literary studies that, beyond the investigation of intrinsic elements of the narratives, seeks to comprehend the processes that permeate the composition, circulation, and reception of these works as books.

Keywords: José J. Veiga; Civilização Brasileira; Reception.

Introdução

José J. Veiga nasce em 1915 no interior de Goiás. Na década de 1930, muda-se para

o Rio de Janeiro e forma-se pela Faculdade Nacional de Direito. Em 1945, vai para Londres, onde passa cinco anos como locutor da BBC. Ao final desse período no exterior, regressa ao Brasil e trabalha como jornalista, vindo a atuar em diferentes periódicos cariocas (entre os quais *O Globo* e *A Tribuna da Imprensa*), como redator nas Seleções do *Reader's Digest* e como editor do Instituto de Documentação da Fundação Getúlio Vargas-RJ, posição na qual se aposenta no ano de 1985. Vem a falecer em 1999. Sua carreira literária tem início com a coletânea de contos *Os Cavalinhos de Platiplanto* em 1959, obra que, apesar de premiada e exaltada pela crítica, apresentou problemas no que se refere à sua edição e circulação.

O próprio autor em algumas entrevistas narra as dificuldades no processo de editoração desse livro:

Então, inscrevi o livro em um concurso da Editora Nacional. Ganhei o primeiro lugar na categoria contos e fiquei esperando a publicação do livro, que era o prêmio prometido. Um dia, recebi um envelope da editora. Pensei: "São as provas do meu livro" [...] era apenas a devolução dos originais com uma carta simpática em que a editora se desculpava por não poder publicá-lo (CASTELLO, 1997, p. 101).

A publicação do livro acontece, enfim, ainda no ano de 1959. Por meio da indicação de Guimarães Rosa, Veiga entra em contato com o poeta Antônio Carlos de Paula Ramos, que estava em vias de abrir uma editora chamada Nítida. A nova empresa tinha como objetivo apenas a publicação de autores inéditos.

Firmado o acordo, o livro é impresso pela Nítida no segundo semestre de 1959 e começa a receber menções elogiosas em algumas críticas estampadas em jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, mas o problema da distribuição do volume ainda se faz presente como comenta a jornalista Eneida:

Um caso estranho acontece com este livro: nas rodas literárias, nas conversas de livrarias, sempre há um escritor perguntando se lemos *Os Cavalinhos* se gostamos e abrindo-se todo em elogios. No entanto, a crítica quase nada fala sobre o livro e porque ele apresenta realmente um grande e bujante contista é de estranhar que não tenha a divulgação que merece (ENEIDA, 1959, p. 3).

Os Cavalinhos foi a primeira obra lançada pela Nítida com capa feita pela esposa de Veiga, Clérída Geada pintora e desenhista formada pela Escola Nacional de Belas Artes; a seguir, foi lançado o livro *Rosa e o Cisne* de Consuelo dos Reis e Mello (1959), apresentando o mesmo formato e tipografia do livro de Veiga. A editora apresentava um cronograma de lançamentos com alguns volumes já esperados para o final do ano de 1959 como o *Dicionário de Personalidades Contemporâneas, Parques e Jardins* de Rossini Pinto, *O negócio é o seguinte* de Van Jafa, *O mundo de Nastacinho* de Hélio Eichbauer, *Aconteceu com Luciana* de Maria de Lourdes Lebert e *Teatro brasileiro 1959* de Geraldo de Andrade, conforme podemos notar nos artigos de José Condé (1959) e Rossini Pinto (1959). Dos livros que constam nesse planejamento, foi encontrado apenas *Aconteceu com*

Luciana (1960), publicado pela editora Polar, o que leva a crer que o empreendimento de Ramos não conseguiu manter o cronograma anunciado, após o lançamento de seu segundo livro.

Após alguns exemplares de *Cavalinhos* serem distribuídos, eles somem das livrarias juntamente com editor e a editora. Veiga se vê novamente em busca de quem pudesse viabilizar a edição e a comercialização de sua obra de estreia.

Apesar de a segunda edição do livro ter saído dez anos depois pela carioca JCM (iniciais de Joaquim Campelo Marques, jornalista e fundador de tal editora), o livro apenas tem a reverberação que conhecemos hoje quando um contrato entre a Civilização Brasileira de Ênio Silveira e José J. Veiga é firmado. Sobre isso o autor comenta: “A primeira edição de *Cavalinhos* a valer mesmo é a terceira, a primeira que teve o selo da Civilização Brasileira” (CASTELLO, 1997, p. 101).

Tal afirmação se justifica, pois, apenas depois da parceria firmada com Silveira, o nome de Veiga começa a figurar com mais frequência tanto em jornais, quanto em âmbito acadêmico. Cumpre ressaltar, contudo, que a reedição de *Os Cavalinhos* não é a primeira obra do autor lançada pela Civilização Brasileira, mas sim *A Hora dos Ruminantes*, segundo livro e primeiro romance do escritor goiano, publicado em 1966. Porém, embora partilhem semelhanças e pontos de aproximação, as recepções de uma e outra obra se revelam muito diversas: enquanto comumente se associa *Os Cavalinhos* ao que conhecemos como fantástico ou absurdo, leu-se *Ruminantes* como uma crítica à ditadura militar instaurada em 1964. Trata-se de dois vetores interpretativos distintos que, de uma forma ou de outra, reverberam em praticamente todas as leituras feitas das produções de Veiga desde sua estreia no final dos anos 1950 até a contemporaneidade.

As diferenças entre os caminhos de leitura prevalentes na interpretação da primeira e da segunda obra de Veiga devem levar em conta, entre outros aspectos, particularidades históricas e editoriais. A começar pelo ano em que são publicadas: *Ruminantes*, ao entrar em circulação em 1966, encontra um cenário político-social muito diverso do de *Os Cavalinhos*, haja vista a instauração da ditadura militar e a crescente resistência ao regime por parte de intelectuais na época. Podemos adicionar a essas características a casa editorial que publica o romance, a Civilização Brasileira, um empreendimento que, nas palavras do estudioso do livro Laurence Hallewell, “[...] sempre será lembrado, principalmente, por suas publicações nos campos da sociologia, economia e política, que geralmente refletiram as posições da chamada ‘esquerda jacobinista’, posições bem próximas das do próprio Ênio Silveira” (2017, p. 593).

Ainda que a consideração de tais aspectos, em um primeiro momento, possa parecer elucidar a discrepância entre as interpretações que se impõem dos dois primeiros livros de Veiga, uma análise mais atenta que procure unir o estudo intrínseco da literatura do autor ao exame das condições históricas e materiais que permitiram a circulação e a difusão de seus livros pode revelar novos aspectos dos sentidos produzidos e cristalizados pela prosa veigiana. Ainda mais quando levamos em conta a proximidade temática entre certas

narrativas do escritor, como, por exemplo, o segundo conto de *Cavalinhos* chamado “A Usina Atrás do Morro” e o romance *Ruminantes* como um todo:

Estas três narrativas [“A Usina Atrás do Morro”, *A Hora dos Ruminantes* e *Sombras de Reis Barbudos*] são construídas sobre a mesma premissa, o mesmo argumento: a invasão da pequena cidade por estranhos que subvertem a ordem do lugar, impondo aos moradores um comportamento submisso e limitações absurdas (DANTAS, 2002, p. 97).

No âmbito da obra de Veiga, o autoritarismo, a imposição de regras arbitrárias e as punições descabidas que vieram juntamente com o regime de 1964 e se amplificaram com a implementação do Ato Institucional Nº5 em 1968 foram logo associadas a esses “estranhos” referidos por Dantas. Porém, esse não seria o primeiro momento na história do Brasil em que o país vivenciava regimes autoritários: o Estado Novo de Getúlio Vargas, período que abrange boa parte do momento formativo de José J. Veiga na capital carioca, constitui-se em um bom exemplo.

Mesmo assim, o referido conto de *Cavalinhos*, no momento de sua primeira publicação em 1959, não recebe essa leitura alegórico-política; apenas a partir de *Ruminantes* os textos do autor passarão a receber a alcunha de “ideológicos”.

Nesse artigo, iremos nos debruçar sobre as críticas a essas duas produções de José J. Veiga, procurando examinar como tais narrativas, embora apresentem semelhanças evidentes quanto ao tema e à execução, foram recebidas de modos tão díspares pela crítica, para além da flagrante questão política que o golpe militar de 1964 suscita. No âmbito da comparação proposta, iremos aproximar as duas leituras mais recorrentes a respeito dos textos, quais sejam, a ênfase no fantástico ou no alegórico. Nesse processo, faz-se possível identificar um modo de ler Veiga que faça uso de ambas as perspectivas. Para conduzir nossas análises iremos emprestar dados e conceitos, sobretudo, de dois autores conhecidos no campo dos estudos literários e da história do livro e da edição: a obra de Hallewell (2017) intitulada *O Livro no Brasil: Sua História* e a coletânea de ensaios de Roger Chartier (2002) com o nome de *Os Desafios da Escrita*, que, em linhas gerais, procura considerar, no processo interpretativo, o papel e a historicidade da mediação editorial e da materialidade dos diferentes suportes na produção e na disseminação de sentidos de um texto.

Intentamos com este artigo, então, salientar a importância do estudo da ambiência discursiva de um texto e dos processos relativos à sua edição e recepção, tendo em vista o impacto desses elementos na forma como lemos e determinamos, aqui de modo mais específico, os significados da literatura de José J. Veiga. Em outras palavras, pensar em agentes como editores e críticos exercendo apenas papéis passivos no processo de leitura de um livro exclui elementos importantes para a compreensão da trajetória do autor em questão. Portanto para cumprir esse objetivo, iremos, primeiramente, tratar de algumas críticas acerca do conto selecionado para análise, e, logo em seguida, discutiremos alguns artigos que abordaram o livro *A Hora dos Ruminantes*. Por fim, conduziremos um exame

das questões levantadas a partir da recuperação da trajetória inicial de leitura de ambas as narrativas, considerando as perspectivas de Hallewell e Chartier de modo a delinear as razões e as circunstâncias dos caminhos que a crítica percorreu pelo universo ficcional de Veiga.

Leituras do conto “A Usina Atrás do Morro” de *Os Cavalinhos de Platiplanto*

O conto “A Usina Atrás do Morro” é a segunda narrativa do livro *Os Cavalinhos de Platiplanto*. São muitas as características que a aproximam do restante do livro no qual se encontra e, em sentido mais amplo, da obra de Veiga como um todo: a história acontece em um vilarejo isolado, distante de grandes centros urbanos; conta com um narrador adolescente, naquele momento incerto entre infância e vida adulta; um acontecimento sem explicação avulta na história, e, a partir desse evento, violências são impostas aos moradores desse pequeno município.

Na narrativa, a cidade encontra-se invadida por dois estrangeiros que se instalam na pensão local. Nenhum dos moradores da localidade tem contato com eles, até porque não se sabe se falam português. Inicialmente a presença da dupla gera expectativas: imaginava-se que se tratava de mineralogistas que teriam ido para lá montar uma fábrica. Todavia, como tal suposição não se concretiza de imediato, os forasteiros passam a despertar, cada vez mais, a desconfiança de todos. Eles trazem aparelhos desconhecidos e fazem medições de valores que nenhum dos moradores da cidade consegue precisar. Quando o narrador tenta examinar mais atentamente um dos caixotes empilhados no corredor da hospedaria é espancado por um dos adventícios. Depois disso, a desconfiança torna-se vingança.

Porém a desforra acaba por não se realizar, seja porque as autoridades afirmam não haver razão legal para investigar o casal de estranhos, seja porque a própria população parece não querer entrar em choque com pessoas de força desconhecida. Tudo permanece da mesma maneira até que, por fim, o casal realiza seu intento no vilarejo e constrói uma usina atrás do morro, longe da vista dos moradores da cidade e do protagonista.

Pessoas da cidadezinha são contratadas para trabalhar na usina recém-criada, e, pouco a pouco, acabam por sofrer mudanças de comportamento, desenvolvendo uma crueldade sem limites. Indivíduos antes pacíficos começam a afogar filhotes de gatos, a machucar antigos amigos e até mesmo a assassinar os moradores da localidade, por pura diversão. Como último evento narrado, tem-se a cena em que o pai do protagonista é atropelado e morto pela moto de um dos novos empregados da usina, enquanto ele e sua mãe desfazem-se de tudo que têm e fogem. O conto encerra-se com o narrador pensando nos cartuchos de dinamite que guardara em casa e quando poderia usá-los contra a usina, mas, nem chega a fazer isso, pois se vê obrigado a fugir.

Um dos aspectos mais destacados dessa e de outras narrativas do autor goiano é a violência, aparentemente gratuita e sem solução, que gera um sentimento de impotência, inconformismo e, por fim, um misto de revolta e tristeza. Sobre isso, Eneida de Moraes, em

uma das primeiras críticas publicadas a respeito do autor goiano, discorre sobre o escritor e sobre a situação apresentada pelo conto já no final dos anos 1950:

Não sei bem por que os novos contistas do Brasil (e uns realmente notáveis) estão impregnados do sombrio, dando-nos ambientes de pesadelo, de dores, fugindo da análise e da narrativa da vida comum, do cotidiano, para se perderem no mundo das trevas, no degenerado mundo que não é, afinal, e felizmente, o mundo real (ENEIDA, 1959, p. 3).

O clima de autoritarismo, de limitações absurdas e de dor emocional presentes no “sombrio” construído por Veiga podem ser associados à diferentes conjunturas, como, por exemplo, a instauração de um regime de exceção e a supressão violenta de qualquer movimento de resistência. Todavia, não é isso o que ocorre com “A Usina Atrás do Morro” no final dos anos 1950, em pleno governo JK.

Um ano depois da publicação da resenha de Eneida, Roberto Pontual (1960a, 1960b, 1960c) escreve “Platiplanto: Sintaxe Brasileira”, artigo dividido em três partes, no qual apresenta como objetivo principal destacar a articulação entre aspectos formais e conteudísticos presentes em *Os Cavalinhos de Platiplanto*, livro, segundo ele, ainda então subestimado pela crítica literária brasileira. Pontual inicia o texto salientando uma mudança gradual que vinha ocorrendo desde o ano de 1957, principalmente no gênero do conto, e recapitula as fases pelas quais a literatura brasileira teria passado ao longo do século XX.¹

Feito tal enquadramento mais amplo, na segunda parte do artigo, Pontual dá início a uma leitura mais atenta e minuciosa do livro de contos de Veiga. Antes, todavia, em chave crítico-comparatista, destaca a importância de Franz Kafka no contexto mundial da literatura e como as produções do autor de *A Metamorfose* seriam importantes para muitos escritores, que o imitariam de modo excessivo e servil (quer no que se refere à construção das personagens, quer quanto ao desenvolvimento dos eventos da narrativa). Entretanto, na opinião do crítico, Veiga não teria cometido esse erro, visto que

Há, [...] casos — apesar de raros — em que a influência recebida é trabalhada num sentido de caracterização nacional, incorporando no tema e à técnica nossos próprios fatores de ambiente e de linguagem. *Os Cavalinhos de Platiplanto* realiza, de maneira muitas vezes perfeita, esse trabalho de transplantação (PONTUAL, 1960, p. 4).

O crítico continua sua argumentação apontando características gerais da obra de Kafka para, assim, estabelecer paralelos entre o escritor tcheco e o brasileiro. Na literatura do romancista de *O Processo*, avultariam dois polos que trabalhariam em conjunto para a realização de um objetivo: de um lado, a cosmovisão de Kafka, que penetraria profundamente na problemática do ser humano e na relação deste com o mundo e com os

¹ Pontual comenta como a influência de Machado de Assis na ficção brasileira fora importante para o desenvolvimento da prosa, mas uma idolatria desmedida poderia significar a estagnação da literatura do país e novos caminhos são importantes na jornada dos novos escritores brasileiros, o crítico ainda comenta que muitas dessas inovações viriam a partir do campo da poesia, já que, em sua opinião, as grandes mudanças se iniciam nesse espaço para depois serem absorvidas na narrativa.

objetos nele posicionados, o que Pontual, mais adiante, afirma se tratar do conteúdo fundamental das obras do artista; do outro lado, de modo articulado, teríamos uma demonstração paulatina dessa perspectiva, conceito após conceito, com o fim de conduzir a narrativa e, por consequência, o leitor à visão de mundo do autor. Esse último aspecto, na concepção do crítico, estaria na base da constituição das características formais/expressivas presentes na literatura kafkiana.

Mais especificamente, outro aspecto explorado pelo crítico diz respeito à temática escolhida por Kafka. Pontual relembra que, embora existisse uma grande discussão acerca do assunto, três pontos avultariam como principais na pena do autor tcheco: o *Absurdo*, que se caracteriza como a incapacidade humana de racionalizar o ambiente a sua volta; o *Mistério*, sintetizado na pergunta “por que existe o absurdo?”; e, por fim, a *Angústia*, decorrente de não saber o que fazer em face do absurdo. O crítico relaciona as obras de Jean Paul-Sartre e Albert Camus, bem como alguns estudos relativos às ideias desses autores, à literatura de Kafka, e chega à conclusão de que as produções deste último teriam caráter predominantemente filosófico com traços fantásticos. Sendo assim, se mostraria possível chegar a uma síntese dos três termos abordados: a existência, ou a realidade, nunca poderia ser esgotada pelo conhecimento. A emergência constante de novos dados e situações, em sua maioria prejudiciais ao humano, a um só tempo interferiria no meio à nossa volta e nos incapacitaria a lidar com ele. Retomando a terminologia usada por Pontual, o absurdo da existência gera o mistério e a angústia no ser humano. E, em uma perspectiva regionalista brasileira, Veiga recriaria esse caminho kafkiano em suas narrativas.

Portanto, o livro de contos de José J. Veiga, na visão do crítico, teria uma grande semelhança com a obra de Kafka devido à densa problemática existencial e fantástica contida nas narrativas. Por meio de diferentes abordagens, quer discutindo as relações sociais do homem (uma espécie de “metafísica social”), quer tematizando a vivência do ser humano em tempos e espaços diferentes, quer abordando a incerteza da origem e de seu fim, a literatura de Kafka, na opinião de Pontual, sempre irá sugerir um questionamento filosófico-existencial-fantástico, às vezes por parte da personagem, mas sempre impactando o leitor atento à simbologia inerente às narrativas.

Agora, iniciando mais propriamente a análise do livro de Veiga a partir das conceituações feitas sobre o absurdo e das questões sociais relacionadas a ele, Pontual destaca o teor do conto “A Usina Atrás do Morro”. Partindo do mote da narrativa, isto é, o impacto e os desdobramentos da chegada de um casal de estrangeiros a uma cidadezinha do interior rural e pacata com o objetivo de realizar estranhos experimentos que acabariam por levar a alterações profundas na dinâmica da localidade, o crítico salienta:

[...] tudo aquilo que dissemos anteriormente sobre o mistério se encontra concretizado com muita clareza: todos os habitantes da cidade procuram compreender os acontecimentos (o que, em outras palavras, significa: uma tentativa de se desvencilharem dos elementos irracionais que, conforme sintetiza Robert de Luppé num parágrafo sobre o nascimento do absurdo

segundo Camus, surgem sorratamente e tudo transformam na ordem até então estabelecida. No caso do conto de José J. Veiga quem traz o absurdo e o mistério para a cidade é o casal de estrangeiros que nela se hospeda e passa a agir subterraneamente) (PONTUAL, 1960, p. 4).

Juntamente com as teias desse absurdo e mistério emergiria a angústia dos moradores da cidade, pois, diante de uma situação incompreensível, eles não saberiam para onde ou como prosseguir, faltando-lhes poder para ação. Ao comentar outra narrativa do livro, “Era só Brincadeira”, Pontual destaca que essa mesma relação do referido trinômio kafkiano – absurdo, mistério e angústia – seria tratada no conto, de maneira magistral, porém com mais força e destaque para o elemento fantástico.

Depois de abordar essas questões existenciais nas narrativas de Veiga, o crítico afirma que, para fins de método, dividirá a obra de estreia do autor em três partes. Primeiramente, os contos em que o absurdo existencial é a mola de toda a trama; nesse conjunto ganhariam relevo “A Usina Atrás do Morro”, “Era só Brincadeira” e “Professor Pulquério”. Em um segundo grupo, avultariam textos como “Os do Outro Lado”, “Fronteira” e “Tia Zi Rezando”, nos quais o mistério acabaria se revelando com tamanha intensidade, que nos levariam a uma visão mais ampla da realidade ficcionalizada pelo contista. Por fim, têm-se aqueles contos em que o mundo onírico é usado como base e matéria para a realização do objeto literário, com destaque para “Os Cavalinhos de Platiplanto”, “A Invernada do Sossego” e “A Espingarda do Rei da Síria”.

Num esforço de comparação que parece aproximar a opinião dos dois críticos antes mencionados, a questão da violência imposta por estrangeiros (Eneida) e o diálogo entre Veiga e Kafka (Pontual), podemos encontrar o prefácio de Silviano Santiago à reedição de *Os Cavalinhos*. Nele, o autor afirma que o conto em questão pode conduzir a uma reflexão sobre:

[...] as reações de indignação e de ódio que muitas vezes tomam conta dos moradores em povoações latino-americanas pobres quando rechaçam os processos de modernização exógenos, em especial se surgem de repente e se afirmam pela intolerância dos poderosos *vis-à-vis* às populações carentes, ditas atrasadas. (SANTIAGO, 2015, p. 16)

Ao mesmo tempo, Santiago destaca que o narrador do conto acaba se comportando como espectador da história, pois ele não compreende o porquê de as coisas acontecerem e progredirem da forma que sucedem e, principalmente, porque não tem poder para parar ou alterar os eventos. Essa figura, assim, para o crítico mineiro, teria semelhanças com o protagonista de *O Castelo* de Kafka.

Tendo tais interpretações como modelos, podemos entender que os juízos construídos em torno do primeiro livro de Veiga tendem mais ao absurdo ou fantástico, quer sejam críticas publicadas no calor da primeira recepção da obra, quer sejam textos produzidos 56 anos mais tarde, conforme podemos notar no artigo de Santiago. De um modo ou de outro, não se empreendem, em regra, leituras alegórico-políticas de *Os Cavalinhos*, ainda que, como veremos, avultem inúmeras semelhanças entre essa narrativa

e seu título seguinte.

Leituras do romance *A Hora dos Ruminantes*

O segundo livro publicado por José J. Veiga, o romance intitulado *A Hora dos Ruminantes*, apresenta um enredo muito semelhante ao do conto “A Usina Atrás do Morro”. Logo de saída, temos a apresentação de uma cidade pacata e afastada dos grandes centros chamada Manarairema, bem como o prenúncio de problemas que não tardarão a aparecer. Um grupo de homens e cargas chegam à noite, silenciosos, vindos de longe, chamando atenção de alguns moradores do lugarejo, e quando o dia amanhece, deparamo-nos, do outro lado do rio, com um acampamento, erguido quase de modo instantâneo, responsável por despertar muitas emoções semelhantes às que vimos no referido conto: primeiro a desconfiança, depois medo, até chegarmos a um desejo de vingança em certas partes da narrativa.

O romance é dividido em três partes: “A Chegada”, “O Dia dos Cachorros” e “O Dia dos Bois”. No primeiro terço da história, vemos como a cidade lida com a chegada desses estranhos que não procuram deixar claras suas intenções. Devido à tamanha incerteza, seus objetivos parecem cada vez mais maléficos, especialmente quando levamos em conta que os poucos contatos travados por alguns moradores com os forasteiros são marcados, da parte desses últimos, por uma completa falta de cortesia e mesmo agressividade. Mas, se aparentam ser más as vontades dos intrusos, elas parecem nunca se concretizar, pelos menos não diretamente pelas mãos de tais agentes.

As outras duas partes da história envolvem ainda outros aspectos comuns à prosa veiguiana que se fazem presentes no conto “A Usina Atrás do Morro”: a presença do absurdo e do inexplicável que acaba se constituindo em uma violência aos personagens principais. Logo que os estrangeiros chegam, os moradores notam que eles são acompanhados de cachorros; um dos moradores que trabalha para os forasteiros afirma ao se referir aos animais:

— Cachorros? Esconjuro. Capetas. Capetas de quatro pés. Cachorros. —
Foi só o que se conseguiu de Geminiano.
— Quantos são, Gemi? Parece que são muitos.
— Muitos? Dobre e ponha mais.
— Uma dúzia? Dúzia e meia?
— Que dúzia e meia! Dúzia e meia morre por dia.
— Morre de quê?
— Morre. Cai no chão, estrebucha e morre.
— Onde arranjaram tantos?
— Eu sei? Recebem.
— De onde? Quem traz?
— De longe. Do inferno. Quem traz é o capeta. Só pode ser. Cachorros!
Peste! (VEIGA, 2015, p. 39)

O desabafo de Geminiano sobre os cachorros afigura-se como prenúncio para o que vem a seguir, pois a cidade é invadida por uma miríade de cães. Eles tomam conta das



ruas a ponto de fazer com que os moradores precisassem se trancar em suas casas para se protegerem. Todavia, ainda assim, um ou outro animal acaba invadindo os domicílios e acuando seus habitantes. A cidade se dobra à vontade dos cachorros e começa a agradar esses novos proprietários da terra. Por fim, tão misteriosamente como apareceram, os cachorros retornam ao acampamento.

Episódio semelhante encontra-se na última parte do livro, mas, ao invés de cachorros, a invasão agora é feita por bois, que tomam a inteira extensão da cidade. O impacto dos ruminantes é maior do que o dos cães, pois aqueles impedem a movimentação dos moradores, que ficam restritos ao espaço de suas casas. Uma vez mais, podemos notar a violência imposta por meios incompreensíveis à pequena cidade. Como se encontram isolados, a comunicação com os vizinhos se perde, os mantimentos passam a escassear e a vida começa a se tornar uma mesmice desanimadora, beirando cada dia mais ao total desespero. Tal quadro se arrasta até um dia no qual, da mesma maneira que surgiram, os bois somem, e junto com eles os estranhos do acampamento. Após esse episódio, a situação aparenta melhorar para o povo de Manarairema. A normalidade parece novamente ao alcance dos moradores da localidade.

Uma das leituras recorrentes a respeito dessa obra pode ser exemplificada no artigo de Lago Burnett (1967), intitulado “O Otimista José J. Veiga”. Nele, o crítico realiza uma interpretação alegórica da narrativa e salienta que esta procura demonstrar uma ontologia, tida como muito positiva, pois, de acordo com o resenhista:

Veiga acredita que a prepotência, o colonialismo, os regimes de força e estupidez destroem-se por si próprios, desaparecem pelo mesmo passe de mágica com que, em dado instante, uma vaca invade um jardim ou um cachorro transpõe os umbrais de uma igreja para fazer pipi no batistério (BURNETT, 1967, p. 2).

Para Burnett, portanto, a concepção da alegoria empreendida pelo autor não interferiria na qualidade do texto, conforme ele próprio afirma ao final do artigo:

No livro de José J. Veiga o que vale são os meios: meios de um escritor em plena maturidade, que sabe desenvolver uma narrativa em estilo atraente, enriquecida pelas particularidades de uma linguagem regionalista que foge ao caricato para se identificar com o que temos de mais autenticamente nacional (BURNETT, 1967, p. 2)

Na percepção do crítico, dessa maneira, o caráter alegórico do enredo anda de mãos dadas com a qualidade da narrativa, que busca, a partir de metáforas continuadas e da variante diatópica escolhida, sobretudo, produzir uma concepção “brasileira” de ser.

Outra leitura comum ao livro quando de seu lançamento difere da de Burnett ao afirmar a suposta inverossimilhança do romance, embora também ressalte a dimensão ideológica da obra. Tal abordagem encontra-se, por exemplo, na resenha “*A Hora dos Ruminantes*”, publicada no *Jornal dos Sports*. Ela propõe uma interpretação altamente política do romance, relacionando os eventos da trama ao estado econômico-social do Brasil e do

mundo. Após um breve resumo do enredo do livro, o resenhista destaca que o ambiente criado pela narrativa busca aquilo que Georg Lukács descreve como “consciência sitiada”. Essa ideia pode ser definida como um estado no qual se encontram todos os que, imersos em um sistema de opressão criado por forças estranhas, não conseguem mais agir e reagir às questões domésticas e banais, comuns à vivência humana.

Partindo de tal pressuposto, o articulista produz uma crítica ferrenha ao livro de Veiga, ao afirmar que, embora a intenção do romance seja criar um ambiente de opressão, ele não apresenta verossimilhança alguma:

A invasão ou ocupação da cidadezinha é uma coisa gratuita, que começa e acaba sem deixar marcas. Seria assim, por exemplo, a invasão da tecnocracia, a invasão do Vietname, a ocupação de poder por alguma minoria organizada em algum país do mundo? Seria, assim, o aparecimento de uma epidemia? Só é assim em Manarairema, cujos habitantes possuem um segredo que nos faria bem a todos: o de permanecerem imunes a uma invasão, não serem molestados, não conhecerem os ‘invasores’, não saberem o sentido dessa ocupação, nem o sentido da desocupação. (SPORTS, 1967, p. 1)

A perspectiva apresentada nesse texto se revela singular, pois não visa a criticar a dimensão política do romance, mas apontar falhas na construção da verossimilhança do universo criado pela narrativa.

Outro artigo com uma opinião mais moderada, em comparação com as duas últimas destacadas, encontra-se em “Capa e Contracapa”, coluna do jornal *Tribuna da Imprensa* voltada a debater assuntos culturais, em especial literários, na qual Miguel Borges faz uma apresentação do livro *A Hora dos Ruminantes*. O crítico, nesse texto, retoma algumas afirmações de Assis Brasil que colocavam a prosa de Veiga como não portadora de caráter ideológico; tal concepção decorreria do olhar enviesado do editor do romance e de alguns críticos². De todo modo, Miguel Borges, destaca que, embora a leitura de Assis Brasil seja plausível, também não se mostraria irracional associar o estado em que as artes brasileiras se encontravam em 1967 ao recrudescimento da repressão instituída pela ditadura militar³. Assim, o crítico destaca que não seria impossível para Veiga prever a situação em que

² No artigo “Outros contos de Platiplanto”, Assis Brasil analisa o livro *A estranha máquina extraviada* e comenta sobre uma possível mudança de rumos na prosa veiguiana: “Talvez possa ser uma retirada estratégica, de um campo minado de interpretações absurdas, onde a foice do editor e o martelo do crítico servem de armas autodefensivas”. (1968, p. 1)

³ Sobre esse recrudescimento Chammas nos destaca: “Considerado o mais violento e autoritário de todos os atos institucionais, o AI-5 marcou o fim da primeira fase da ditadura. Uma das suas principais consequências foi a ampliação quase sem limites do poder do aparato repressivo do regime, respaldado pelas restrições impostas ao Judiciário e à abolição do habeas corpus para crimes políticos.” (2012, p. 104) Entre os muitos motivos que geram essa abordagem política Motta nos afirma que vários grupos sociais que apoiavam o regime militar “[...] desejavam novos instrumentos de exceção para reprimir a esquerda e completar a “limpeza” iniciada em 1964 que, na sua visão, havia sido interrompida antes do sucesso completo.” (2018, p. 208). Os resultados dessa “limpeza” com poderes “quase sem limites” geram as situações descritas nas quase 3400 páginas dos três volumes do Relatório da Comissão Nacional da Verdade (2014) descrevendo os variados métodos de prisões arbitrárias, torturas físicas e psicológicas e assassinatos cometidos pelo regime, que deixa uma marca traumática na história brasileira.

estariamos e descrevê-la por meio de símbolos de uma fábula. No entanto, mediante tal proposta, perder-se-ia a análise do homem em escala mais ampla e focar-se-ia no ser humano fincado no Brasil, que enfrentou situações difíceis, mas passageiras, segundo Borges, o que tornaria a obra um item importante, mas não essencial.

É interessante notar como a média das leituras de Veiga relativas ao seu primeiro romance, em raras ocasiões, citam a questão do fantástico ou do absurdo e giram, basicamente, em torno do caráter ideológico figurado da obra, quer seja para criticar como tal aspecto aparece na prosa do autor, quer seja para exaltá-lo. Tendo em vista essas divergências, iremos examiná-las à luz dos dados apresentados por Hallewell e da perspectiva teórica desenvolvida por Chartier com o fito de compreender como o período histórico e o processo de transmissão das obras podem ser motivos geradores dessas leituras.

Considerações a respeito da mediação editorial e recepção de José J. Veiga

Diante das questões levantadas até o momento, convém indicar que se procura, com a análise das edições dos textos de José J. Veiga aqui privilegiados, compreendê-las em sentido amplo como produtos não de um, mas de diferentes agentes, considerando-se a dupla dimensão de todo livro: como objeto material e como trabalho literário. Toma-se como referência o ensaio de Roger Chartier (2002) sobre a dimensão tipográfica de *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, no qual o historiador francês promove uma leitura do romance, destacando quantas pessoas podem ser nomeadas, cada uma a sua maneira, como participantes de *Dom Quixote*, e como elas atuam, de algum modo, na composição e na circulação desse livro. Ao destacar os aspectos técnicos para a produção da obra em questão em suas primeiras edições no século XVII, Chartier salienta as interferências que um texto recebia durante o processo de sua transmissão, passando pelas mãos das mais variadas figuras, para além do próprio escritor, desde universitários sem conhecimentos técnicos até trabalhadores com somente o domínio da língua vulgar.

Não por acaso, um processo permeado por interferências de diferentes agentes acaba por introduzir alterações representativas nas obras e na leitura delas, considerando-se tanto as ações e etapas relativas à composição e à correção quanto à recepção. Ao particularizar tal diretriz que não separa a materialidade do texto e a textualidade do objeto, Chartier destaca desde incoerências textuais no enredo do referido romance até mesmo a criação de um Dom Quixote apócrifo por outro escritor espanhol, o qual é citado no segundo volume da obra e rejeitado como uma inverdade pelo próprio personagem de Cervantes. O historiador francês, por fim, enfatiza que essas mudanças não podem ser descartadas pela crítica literária, ressaltando a importância da “[...] histórica variação das diversas operações que contribuem para a produção coletiva não somente dos livros, mas também dos próprios textos” (CHARTIER, 2002, p. 59-60).

No caso de *A Hora dos Ruminantes*, em conformidade com as lentes interpretativas postuladas por Chartier quanto à multiplicidade de operações e agentes que participam do

processo de publicação, podemos lançar novas luzes sobre uma polêmica referente à escrita e à edição do romance. Assis Brasil afirma que o livro originalmente se chamaria *Somente a Semente*, mas devido à influência persuasiva de Paulo Francis e do editor Ênio Silveira, Veiga veio a alterar o nome da obra. Tal mudança teria acontecido com o fito de enfatizar a leitura alegórica do texto conforme afirma Brasil, ainda que ele não esclareça quais os possíveis efeitos de sentido que o nome original pudesse originar (BRASIL, 1968; BORGES, 1967).

Em conexão com tais afirmações, o próprio Assis Brasil faz um comentário interessante que pode levantar alguns questionamentos acerca da ficção de Veiga e possíveis interferências de amigos ou editores:

José J. Veiga foi lançado em 1959 (*Os Cavalinhos de Platiplanto*) por uma editora fantasma – livro com tiragem pequena, sem promoção, sumiu silenciosamente, embora o aparecimento de uma crítica para exaltar o surgimento do novo contista. É preciso que se diga – e os editores (três diferentes) até hoje não o fizeram – que José J. Veiga estreou no Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil* através de uma seção para os novos sob o título de “Correspondência”. Na época falamos longamente no aparecimento do escritor e ficamos aguardando seus novos livros (BRASIL, 1968, p. 1).

Embora Veiga alcance maior reconhecimento por seus livros, o autor de fato inicia suas publicações no *Jornal do Brasil*⁴ e recebe por parte de alguns críticos breves opiniões favoráveis que mais tarde são expandidas com a publicação de seu primeiro livro. Alguns desses textos publicados em jornal viriam a integrar o terceiro livro do autor, *A Estranha Máquina Extraviada*, último livro do escritor publicado fora da relação comercial com Silveira.⁵

Sendo assim, chama a atenção o fato de que tenha sido escolhido, para a edição pela Civilização Brasileira, justamente o romance *A Hora dos Ruminantes*. Ora, se Veiga tinha à mão os contos bem recebidos de *Os Cavalinhos* e aqueles saídos no *Jornal do Brasil*, que também já haviam sido analisados por alguns críticos e já apresentavam certa recepção positiva na época, por que se aventurar com a publicação do referido romance e não continuar como contista em sua segunda publicação? Ao mesmo tempo, por que publicar uma obra, em uma editora com uma posição política marcadamente de resistência ao regime militar, e, ainda mais, uma narrativa que apresenta elementos de autoritarismo e

⁴ Tais textos, até há pouco inéditos em livro, estão agora organizados em um volume chamado de *Contos reunidos* publicado em 2021 pela Companhia das Letras, reunindo os três livros de contos do autor e textos dispersos publicados ao longo de sua carreira em vários jornais brasileiros.

⁵ Sobre essa relação comercial podemos atribuir o comentário de Veiga feita na entrevista para Castello: “[...] nesse meio tempo [o acordo de Silveira e Veiga e a publicação de *A Hora dos Ruminantes*] saiu uma segunda edição de *Os Cavalinhos* por uma pequena editora chamada Prelo, que pertencia ao Jânio de Freitas, que hoje é jornalista. Também não dei sorte, pois o Jânio logo mudou de ideia e fechou a editora.” (CASTELLO, 1997, p. 101) Tais informações parecem imprecisas, sendo que a segunda edição de *Os Cavalinhos* é impressa pela editora JCM. Tudo leva a crer que o livro mencionado por Veiga seria o segundo volume de contos, *A máquina extraviada*, que de fato é impresso primeiramente pela Editora Prelo de Jânio de Freitas, sendo que sua segunda edição já é feita pela Civilização Brasileira em 1974.

violência contra uma população mais fraca? Essas escolhas, juntamente com a possível alteração do nome do romance levam a crer que, intencional ou não por parte de Veiga, uma leitura de seu romance como crítica ao regime militar estabelecido na época faz-se possível, e que tais alterações, sejam as feitas por parte de amigos do escritor, sejam aquelas introduzidas por seu próprio editor, possam contribuir para essa visão da obra.

De modo complementar, faz-se importante destacar que a circulação de um livro, pode ser vista, assim como qualquer ato, como uma atividade política e ideológica. Sobre isso, no estudo já citado, Hallewell destaca: “O livro existe para dar expressão literária aos valores culturais e ideológicos” (2017, p. 31) Como podemos notar na recepção e no processo de circulação de Veiga é inegável o fato de que muitos críticos acabam por definir a literatura do autor como alegórico-política seja com o objetivo de avaliá-la positivamente, seja para criticá-la.

Mais especificamente, nas resenhas e artigos voltados à prosa de Veiga discutidos neste artigo, chama a atenção o fato de que, embora muito do estilo do autor goiano demonstrado nos contos de *Os Cavalinhos*, especialmente em “A Usina Atrás do Morro”, esteja presente no romance *A Hora dos Ruminantes*, devido a especificidades relativas ao momento de publicação e ao processo de transmissão de ambos os textos, a leitura com ênfase na dimensão ideológica dessas produções impôs-se tão somente no caso do romance, enquanto no que se refere aos contos do livro de estreia do escritor avultam interpretações fundadas em aspectos como o absurdo ou o fantástico.

A partir dessa conclusão seria interessante destacar algumas possibilidades quanto à análise dessas duas narrativas. Como muitos elementos de ambos os textos são semelhantes, os métodos interpretativos podem ser compartilhados, e, portanto, seria possível compreender *A Hora dos Ruminantes* a partir de uma perspectiva fantástico-absurda e o conto “A Usina Atrás do Morro” como uma forma de crítica de caráter alegórico-político. Podemos tomar como exemplo a aproximação entre Veiga e Kafka feita por Pontual, pois, se, nos contos iniciais, torna-se patente a existência daqueles três elementos destacados pelo crítico, o Absurdo, o Mistério e a Angústia, eles também se fazem presentes em várias passagens no romance, como, por exemplo, no excerto apresentado anteriormente no qual o carroceiro Geminiano, que convive com os estranhos no acampamento, não consegue compreender como e de onde vêm tantos cachorros, mas precisa lidar, não se sabe como, com a existência daqueles animais. Diante de tamanho absurdo, envolto em mistério, resta ao personagem a angústia que pouco a pouco vai solapando sua sanidade no desdobramento do romance.

E, se por um lado é possível analisar *A Hora dos Ruminantes* como uma trama fundada no absurdo de matriz kafkiana, o conto “A Usina Atrás do Morro” contém elementos que oferecem bases para uma análise alegórico-política. Especialmente ao levarmos em conta os problemas que a resenha do *Jornal dos Sports* enxerga no romance, quando destaca que o ambiente de opressão proposto se mostra inverossímil já que sua criação e solução dão-se sem a intervenção dos personagens. Nesse sentido, eles seriam apenas

observadores passivos frente a uma situação aparentemente inconcebível. Ora, já em “A Usina Atrás do Morro” o sofrimento e a tentativa do protagonista de impedir a instalação da usina saltam ao primeiro plano, algo que tornaria ainda mais evidente o impacto nocivo da vigência de uma força opressiva (que como destaca Burnett poderia representar, também nesse caso, “o colonialismo, os regimes de força e estupidez”) sobre a população local. Em outras palavras, portanto, ressalta-se o ônus para os moradores daquele lugarejo simbólico ao permitirem que forças estranhas tomem o controle do local.

Sendo assim, torna-se importante reconhecermos e trazermos para exegese literária elementos contextuais e editoriais que incidem sobre as leituras das obras inaugurais de José J. Veiga. A publicação e circulação do autor nos anos 1960 pela Civilização Brasileira constitui-se em ponto importantíssimo para que o autor fosse reconhecido e lido em escala mais ampla, já que, conforme salienta Hallewell sobre o papel da Civilização Brasileira no mercado editorial do país naquela época: “[...] a Civilização Brasileira se tornou o canal mais importante para a literatura moderna brasileira nos anos de 1960” (HALLEWELL, 2017, p. 590). A editora proporcionaria então, juntamente com o maior alcance dos livros, um lugar de resistência política que de uma forma ou de outra foi autorizada por Veiga. Associado a esse fator, convém levar em conta o enquadramento histórico da publicação de *A Hora dos Ruminantes*, já que abordar uma temática sombria com tons de opressão, violência e força bruta em um momento no qual o governo de um país acaba de ser usurpado de seu povo, e tal imposição é mantida por meio de repetidas violações e abusos aos direitos humanos, tornaria possível a compreensão da narrativa, para além do absurdo e da dimensão fantástica dos acontecimentos apresentados (diretriz consolidada anteriormente com *Os Cavalinhos e Platipanto*), como uma fábula de orientação política.

Conclusão

Procuramos nesse artigo delinear como o momento político e aspectos relativos à edição dos textos constituem-se em questões-chave para a consolidação de leituras da obra do escritor José J. Veiga, especialmente no que se refere a duas de suas narrativas, o conto “A Usina Atrás do Morro”, presente em *Os Cavalinhos de Platipanto*, e o romance *A Hora dos Ruminantes*. Essas histórias apesar de terem elementos semelhantes acabam recebendo interpretações díspares que, arbitrariamente, excluem uma à outra.

Como pudemos notar, no livro de estreia do escritor, o absurdo e o fantástico ganham o estatuto de traço definidor de Veiga, e sua literatura começa a ser aproximada a de autores como Franz Kafka. Quando da publicação, por sua vez, de seu primeiro romance pela Civilização Brasileira, do editor Ênio Silveira, as leituras empreendidas pela crítica conferem ênfase à dimensão alegórico-política do texto, procurando tomá-lo como significação figurada que apontaria para as agruras do mundo convulso de então.

Essa aproximação pode nos levar a ler a obra de Veiga a partir desses dois prismas. Não poderiam, então, o absurdo e fantástico das narrativas representar as formas de absorção e manutenção do poder de forças autoritárias, indicando assim uma leitura



alegórica e fantástica?

Compreender tais questões nos ajuda a entender a obra do autor de forma mais ampla, na medida em que a perspectiva empregada procura conjugar à análise intrínseca das narrativas o exame das condições históricas e materiais de sua produção, circulação e recepção. A partir dessa diretriz articulada, podem-se divisar melhor questões que geraram polêmicas no passado e continuam, até hoje, a guiar as leituras da obra do escritor José J. Veiga.

Referências

“A HORA dos Ruminantes”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 07 abril 1967. Cultura JS, p. 1.

BORGES, Miguel. “Capa e contracapa”. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 25 jan. 1967. Segundo caderno, p. 3.

BRASIL, Assis. “Outros contos de Platiplanto”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 maio 1968. 4º Caderno, p. 1.

BRASIL. Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, 2014.

CASTELLO, José. “José J Veiga trabalha nos limites da fantasia” (Entrevista). *O Estado de S. Paulo*, 4 out. 1997.

CHAMMAS, Eduardo Zayat. *A ditadura militar e a grande imprensa: os editoriais do Jornal do Brasil e do Correio da Manhã entre 1964 e 1968*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Edusp, 2012.

CHARTIER, Roger. *Os Desafios da Escrita*. Trad. Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. *Inscrever e Apagar: Cultura Escrita e Literatura, Séculos XI-XVIII*. Trad. de Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CONDE, José. “Escritores e livros”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 09 jul. 1959, p. 16.

DANTAS, Gregório Foganholi. *O insólito na ficção de José. J. Veiga*. Dissertação de Mestrado. Campinas: DTL-IEL-Unicamp, 2002.

ENEIDA. “Cavalinhos de Platiplanto”. *Diário de Notícias*, Brasília, 13 dez. 1959. Suplemento Literário, p. 2.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2017.

HANSEN, João Adolfo. *Alegoria – Construção e Interpretação da Metáfora*. São Paulo: Hedra; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de Retórica Literária*. 6. ed. Trad. R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2011.



- MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a Sociologia dos Textos*. São Paulo: Edusp, 2018.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Sobre as origens e motivações do Ato Institucional 5”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 38, n. 79, p. 195-216, 2018.
- PINTO, Rossini. “Parques e Jardins”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 set. 1959. 6º Caderno, p. 9.
- PONTUAL, Roberto. “Platiplanto: Sintaxe Brasileira (I)”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 31 jan. 1960a. Metropolitano, p. 4.
- PONTUAL, Roberto. “Platiplanto: Sintaxe Brasileira (II)”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 7 fev. 1960b. Metropolitano, p. 4.
- PONTUAL, Roberto. “Platiplanto: Sintaxe Brasileira (III)”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 fev. 1960c. Metropolitano, p. 4.
- SANTIAGO, Silvano. Prefácio. In: VEIGA, J. J. *Os Cavalinhos de Platiplanto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- “SEGUNDA SEÇÃO”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 3.
- VEIGA, José Jacinto. *Os Cavalinhos de Platiplanto*. Rio de Janeiro: Nítida, 1959.
- VEIGA, José Jacinto. *Os Cavalinhos de Platiplanto*. 2. ed. Rio de Janeiro: JCM, 1969.
- VEIGA, José Jacinto. *Os Cavalinhos de Platiplanto*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- VEIGA, José Jacinto. *A Máquina Extraviada*. Rio de Janeiro: Prelo, 1968.
- VEIGA, José Jacinto. *A Hora dos Ruminantes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- VEIGA, José Jacinto. *A Hora dos Ruminantes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- VEIGA, José Jacinto. *Os Cavalinhos de Platiplanto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- VEIGA, José Jacinto. *Contos Reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

NOTAS DE AUTORIA

Rafael Vinicius Costa Corrêa (rafaelvcorrea@outlook.com.br) é mestrando em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa. Possui graduação em Letras – Português e Inglês pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2019). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, literatura fantástica, recepção crítica, absurdo e José J. Veiga.

Thiago Mio Salla (thiagosalla@usp.br) possui graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (2003). Em março de 2010, concluiu o Doutorado Direto na mesma instituição, sob orientação de Ivan Prado Teixeira. Em 2016, terminou seu segundo Doutorado Direto, agora da FFLCH/USP sob a orientação de Paulo Fernando da Motta de Oliveira.



Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

CORRÊA, Rafael Vinicius Costa; SALLA, Thiago Mio. Os caminhos de Manarairrema: mediação editorial e recepção de José J. Veiga. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 27, p. 01-18, 2022.

Contribuição de autoria

Rafael Vinicius Costa Corrêa: Concepção, coleta de dados e análise de dados, elaboração do manuscrito, redação e discussão de resultados.

Thiago Mio Salla: Coleta de dados e análise de dados, elaboração do manuscrito, redação e discussão de resultados.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 15/12/2021

Aprovado em: 03/09/2022

Publicado em: 11/11/2022

